

## JUVENTUDE CAMPONESA EM CÁCERES-MT: situação e perspectivas

Tânia Paula da Silva<sup>1</sup>  
Bruna Francisco Borges<sup>2</sup>  
Vivian Cristina Ferreira da Silva<sup>3</sup>

### Resumo

Ao se discutir o desenvolvimento e o futuro dos assentamentos rurais e da agricultura camponesa no Brasil há que se conhecer e refletir sobre a realidade da juventude camponesa hoje, uma vez que cabe a eles a continuidade de exploração dos lotes conquistados no processo de Reforma Agrária (CARNEIRO, 2005). Assim sendo, o objetivo deste estudo foi conhecer e compreender a situação atual e as perspectivas dos jovens camponeses em Cáceres-MT, buscando compreender as principais dificuldades que afetam a vida da juventude diante do desafio que é a manutenção e permanência no campo. Conclui-se que a juventude no território dos assentamentos rurais da fronteira Brasil-Bolívia, em Cáceres-MT, apesar de ter grande interesse em continuar vivendo e trabalhando no campo, vivencia no cotidiano da vida camponesa ambiguidades e conflitos; pois a falta de trabalho, renda, lazer, cultura, entre outros, em função da falta de apoio e incentivo governamental, tem dificultado sua manutenção e permanência no campo.

**Palavras-chave:** Juventude, Campo, Manutenção e Permanência.

### Introdução

A preocupação com a juventude camponesa é um tema recente e somente a partir da década de 1980 esses sujeitos começaram a ser encarado como categoria social. Weisheimer (2005) afirma ainda que, até este período, os jovens do campo no Brasil viviam uma “situação de invisibilidade”, pois eram ignorados como sujeitos de direitos sociais e de políticas públicas.

Contudo, a partir de 2003 a agricultura camponesa passa a ser reconhecida como a principal fornecedora de alimentos para o mercado interno, responsável por garantir boa parte da segurança e soberania alimentar do país (BRASIL, 2006); neste contexto, a juventude camponesa ganhar maior visibilidade no cenário político nacional, pois “são vistos como uma categoria-chave para a reprodução social do campo e da agricultura familiar camponesa” (CASTRO, 2009, p. 39).

---

<sup>1</sup> Profa. Dra. do Curso de Graduação e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNEMAT. Email: [tanggela@bol.com.br](mailto:tanggela@bol.com.br)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Geografia da UNEMAT. Email: [bruna\\_borges1997@hotmail.com](mailto:bruna_borges1997@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Geografia da UNEMAT. Email: [vivianc054@gmail.com](mailto:vivianc054@gmail.com)

Na atualidade, constata-se que a juventude camponesa busca ser protagonista na luta por seus direitos sociais, políticos, econômicos e culturais, como cidadãos do campo; direitos estes cruciais para que se consiga a permanência dos jovens no campo e, conseqüentemente, o fortalecimento e a reprodução da agricultura familiar camponesa.

Assim sendo, observa-se que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos jovens assentados para a permanência no campo, eles têm buscado, por meio da organização e da luta, alternativas viáveis que garantam de forma digna, sua permanência no campo, tendo acesso à saúde educação de boa qualidade; melhores condições de trabalho no campo (acesso a terra, crédito, tecnologia e assistência técnica), lazer; cultura; entre outras.

Castro e Carneiro (2007) afirmam que os gestores governamentais ligados ao incentivo da agricultura camponesa necessitam visualizar esse grupo social como uma categoria apta ao desenvolvimento rural sustentável; uma categoria com potencial para contribuir na construção de uma nova visão de uma agricultura familiar camponesa, forte e voltada também à economia solidária e à segurança alimentar.

E, mais, para as referidas autoras, pensar a juventude camponesa no Brasil hoje demanda um olhar especial sobre a qualidade de vida desses sujeitos sociais, que seja de fato atrativa quando se pensa a geração de trabalho, renda, moradia, estudo e lazer, entre outras, para que estes jovens vislumbrem uma valorização do meio rural em que vivem. Essa possibilidade de valorização do meio rural em que vivem construída pelos jovens por meio da educação é observado também por Menezes *et al* (2008, p. 142), pois o mesmo afirma que:

Talvez ai esteja uma questão a ser discutida, que suscita uma nova concepção de educação voltada para a valorização da vida no campo e que procure formar jovens com habilidades que sejam úteis no dia-a-dia frente as atividades que são chamados a executar, pois em muitos casos a discussão sobre educação dentro das famílias é maior do que a questão do trabalho dentro do lote.

Partindo destes pressupostos, pretende-se neste artigo ampliar o conhecimento e o debate sobre a juventude camponesa, por meio da análise e compreensão da situação atual e perspectivas dos jovens camponeses em Cáceres-MT, buscando compreender as principais dificuldades que afetam a vida da juventude diante do desafio que é a manutenção e permanência no campo.

A pesquisa tem por base os dados do projeto de pesquisa em andamento “Juventude Rural e Permanência no Campo: dilemas e desafios no processo de recriação camponesa em Cáceres-MT”, desenvolvido na Universidade do Estado de Mato (UNEMAT), aprovado no edital Universal 005/2015 FAPEMAT.

## **Metodologia**

A pesquisa que ora se apresenta se amparou no referencial teórico epistemológico da pesquisa participante (BRANDÃO, 1999), com caráter qualitativo (LAKATOS e MARCONI, 2007). Essa abordagem nos proporciona os recursos metodológicos (métodos e técnicas) necessários para registrar, sistematizar e entender a vida e o cotidiano dos jovens rurais no interior das relações social, histórica, cultural, econômica e política construída no território dos assentamentos em Cáceres-MT.

Assim sendo, realizou-se, primeiramente, levantamento bibliográfico e documental relacionado à temática da pesquisa, a fim de conhecer e construir um referencial teórico e epistemológico.

Em seguida desenvolveu-se o trabalho de campo *in loco* para coleta de material empírico, por meio da observação participante, aplicação de questionário semiestruturado, entrevistas dirigidas, gravadas ou não, registro iconográficos e filmagens da vida cotidiana da juventude no campo.

E, por fim, realizou-se a sistematização, análise e debate dos dados com a bibliografia produzida a respeito da agricultura camponesa, do território dos assentamentos rurais e das dinâmicas de migração, manutenção e permanência da juventude no campo.

Ressalta-se que o universo de investigação dessa pesquisa abrange os(as) jovens da Escola Estadual “12 de Outubro”, escola do campo localizada no assentamento Corixo, em Cáceres-MT. E, mais, a representatividade da amostra que definiu o número de jovens assentados a serem pesquisados levou em conta o critério e o parâmetro de faixa etária utilizado pela pesquisa do IBGE e pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), que considera como jovem os sujeitos entre 15 e 29 anos, sem importar sua raça, classe social nem credo religioso.

## Resultados e Discussões

A juventude entrevistada nesta pesquisa são os alunos e alunas da Escola Estadual 12 de Outubro, localizada no assentamento rural Nova Esperança, no município de Cáceres-MT. Está escola do campo recebe alunos (as) dos sete assentamentos rurais que compõem a região da faixa de fronteira Brasil-Bolívia em Cáceres-MT, são eles: Corixinha, Sapiquá, Rancho da Saudade, Nova Esperança, Katira, Jatobá e Bom Sucesso,

Os(as) jovens entrevistados tem idade entre 15 e 29 anos; são, na maioria, solteiros(as) e vivem no território dos assentamentos rurais com seus familiares, participando ativamente das atividades desenvolvidas no lote, quer no espaço da casa/quintal ou nas atividades agrícolas e produtivas; atividades voltadas para garantir o sustento e a sobrevivência da família, como também a alimentação dos animais.

Nos relatos, observa-se ainda que os(as) jovens foram estimulados desde crianças a acompanhar e colaborar com os pais nos trabalhos do lote, seja na roça, na capina do quintal, no trato com os animais, nos afazeres da casa, entre outros. Isso, porque segundo Silvestro Silvestro *et al.* (2001, p. 280), na agricultura familiar camponesa,

Os filhos e filhas integram-se aos processos de trabalho - auxiliando a conduzir os animais, acompanhando os pais em algumas tarefas, ajudando na casa – desde muito cedo. Aos poucos vão assumindo atribuições de maior importância e chegam à adolescência não só dominando as técnicas observadas durante sua vida, mas os principais aspectos da própria gestão do estabelecimento.

Percebe-se que o trabalho no assentamento, tanto para os jovens como para as jovens, é organizado de maneira diferenciada, pois o trabalho dos jovens é com os pais diretamente na lida no campo, eles apartam as vacas, tiram leite, pegam cavalo, capinam, plantam milho, mandioca, banana, etc, ou seja, estão diretamente inseridos em atividades exclusivas à unidade produtiva. Já as jovens atuam em espaços que abrangem desde o trabalho com a casa (afazeres domésticos) como também na roça e no espaço da casa-quintal, além de serem responsáveis pela comercialização dos produtos nas feiras livres de Cáceres e região.

Pesquisas como a de Almeida (2006, 267) destacam que a organização da casa e do lote camponês obedece a uma lógica interna e reflete a hierarquia típica do *habitus* camponês, e “[...] afora essa divisão que obedece mais aos critérios de gênero, o restante da casa e do lote camponês faz parte de um conjunto indivisível”.

Ainda, segundo relato dos(as) jovens, todos(as) participam das atividades desenvolvidas pela comunidade (reuniões, cursos de formação, atividades de lazer e cultura, entre outras) e alguns participam dos grupos de jovem no âmbito dos assentamentos para conversas, jogos e festas; como lazer frequentam a residência dos amigos, participam das festas da escola, dos torneios de futebol e das festividades das comunidades rurais próximas ao seu local de residência; esporadicamente, os jovens rurais desfrutam dos espaços de lazer na cidade de Cáceres-MT, principalmente, do cinema e dos festivais culturais que acontecem no ambiente urbano da cidade. Segundo eles, nestes momentos aproveitam para ampliar suas relações sociais e de amizades com colegas que vivem no espaço urbano.

Ainda em relação a questão do lazer, vários(as) jovens rurais afirmaram que sentem a necessidade de ter a disposição maior quantidade de espaços de lazer e diversão. A falta de oferta de locais e equipamentos culturais e esportivos acaba por dar maior monotonia ao tempo livre dos jovens rurais, privando-os de viver a sua própria condição juvenil; entretanto, eles(as) percebem que, na cidade, os espaços de lazer não são muito variados, quando não, quase inexistentes para eles/elas. Ressaltaram, também, a necessidade de haver maior facilidade de acesso para que eles/elas possam vir a cidade nos fins de semana, desfrutar desses espaços de lazer urbanos e conviver com outros jovens e, assim, ter acesso a outras culturas juvenis.

Por estarem frequentando a Escola poucos jovens trabalham fora do assentamento onde moram, porém alguns eventualmente realizam serviços de diaristas em propriedades vizinhas em troca de pagamento, pois relataram não receber um valor fixo dos pais para que possam adquirir algo ou algum bem pessoal. “Quando precisamos comprar alguma coisa a gente pede para mãe ou para o pai, aqui é assim, a gente ajuda o pai e a mãe na lida porque é preciso, mas a gente não tem salário porque a renda é para a nossa manutenção, porque tudo aqui também é nosso” (RELATO DA JUVENTUDE, 2017).

Outro ponto interessante que percebemos nas conversas informais e nos relatos é que os pais são os responsáveis pela tomada de decisões dentro da propriedade, mas na atualidade,

essa tomada de decisão que envolve a unidade de produção familiar tem contado também com a participação dos/as jovens rurais. Essa inserção da juventude na tomada de decisões no universo camponês tem estimulado não só o envolvimento direto desses jovens com o processo produtivo e a vida no campo, como também tem permitido a juventude matogrossense valorizar o homem do campo e o meio rural.

O pai sempre pede minha opinião quando ele vai decidir o que plantar ou quando vai comprar maquinários e eu também ajudo a comercializar a produção excedente ou a fazer as compras para o sítio (RELATO DA JUVENTUDE, 2016).

A gente tá sempre ajudando o pai e a mãe nas coisas do sítio, eles sempre pedem nossa opinião, as vezes decidem por si mesmo, mas a gente tá sempre junto em todo o processo (RELATO DA JUVENTUDE, 2017).

Eu gosto de reunir com o pai e a mãe para planejarmos as coisas do sítio, a gente tá sempre pensando em como melhorar e aumentar a produção das hortaliças que a gente entrega no PAA e nos cuidados com o gado para aumentar a produção do leite. As vezes o pai toma a decisão que ele entende como a melhor, mas a gente tá sempre conversando, tá sempre pensando e trabalhando para melhorar a vida aqui no sítio; em casa todo mundo contribui, todos participam [...] (RELATOS DA JUVENTUDE, 2016).

Para Menezes (2008) essa participação da juventude nas tomadas de decisões sobre a organização da unidade produtiva camponesa é bastante positiva, pois é preciso dar-lhes voz e chances de participação, de trabalho, de criação. É preciso considera-los como sujeitos sociais capaz de formular reivindicações e propostas concretas que apontem para a construção de um projeto alternativo de desenvolvimento do campo.

Todos os entrevistados estudam o Ensino Médio e tem pretensão de prestar vestibular e cursar uma faculdade; pois acreditam, assim como suas famílias, que a educação possibilita melhorar suas condições de vida, ou seja, um futuro melhor, com trabalho e renda. Dentre os cursos citados estão: Agronomia, Medicina Veterinária, Enfermagem, Direito, História, Geografia, Pedagogia, Serviço Social, Odontologia, Medicina, Psicologia, Farmácia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Educação Física. Tal sonho tem sido nutrido pela possibilidade de ingressar em algum curso superior ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso, distante 80 km dos assentamentos.

Ressalta-se ainda que, para a grande maioria dos(as) jovens o espaço escolar tem sido um importante espaço de formação e de construção de sociabilidades. É no espaço da escola e da família que vão mediando e formando suas personalidades, sendo ambas importantes

instituições formadoras e educativas. Além disso, a escola também tem sido utilizada como espaço de lazer, pois é nela que se desenvolvem várias atividades culturais, bem como ações coletivas que envolvem não só os colegas estudantes, mas também a comunidade como um todo.

A gente tá sempre aqui na escola participando de várias atividades [...], temos o grupo do futebol, do vôlei, a gente também participa das festas culturais, das atividades da Juventude que o Sindicato organiza, [...] quase tudo acontece aqui no espaço da escola (RELATO DA JUVENTUDE, 2017).

Aqui na escola a gente aprende muita coisa, ganha muito conhecimento sobre esse mundão aí que a gente vive, e também aprende muita coisa sobre nosso dia a dia. A coisa que eu mais gosto é a convivência com os amigos, mas sei que preciso pegar firme nos estudos para ajudar minha família, porque se eu conseguir terminar os estudos e depois fazer uma faculdade posso melhorar a vida da minha família aqui no campo (RELATO DA JUVENTUDE, 2016).

Em grande parte da juventude entrevistada constata-se a consciência da realidade em que vivem. Portanto, o olhar da juventude sobre a vida no campo e as perspectivas em relação ao seu futuro apesar de ambíguas e permeadas de conflitos (ao mesmo tempo em que estão apegados as famílias, anseiam em ganhar dinheiro fora da propriedade, seja para ajudar no dia a dia da casa ou mesmo para ter autonomia e uma maior liberdade dos pais) reflete o vínculo com a terra e compromisso com a família camponesa.

Aqui a vida é difícil, mas para o meu futuro, eu gostaria de continuar na trabalhando na terra, eu quero continuar a luta dos meus pais em cima dessa terrinha conquistada com tanto suor, mas claro que eu buscaria fazer de maneira mais moderna, né? Juntava com os amigos aí e arrumava uns maquinários para facilitar a vida da gente e ia também criar as vaquinhas de leite porque é tranquilo de manter. Eu vou ficar por aqui mesmo, pegar um pedacinho de terra para trabalhar e ganhar o suficiente para viver e ajudar meus pais e o povo aqui do assentamento (RELATO DA JUVENTUDE, 2016).

O trabalho na terra é muito difícil e sofrido, porque aqui falta de tudo um pouco; dá para viver, mas é difícil porque as oportunidades são poucas, principalmente pra nós, os jovens. Nós estamos na luta para ter condições mais dignas de sobrevivência aqui no campo, porque aí eu acho que a juventude permaneceria [...]. Eu amo esse lugar, quero estudar, mas vou voltar, vou voltar porque meu futuro é aqui, só é preciso termos mais oportunidades para trabalhar e ganhar dinheiro aqui mesmo, junto dos meus pais e amigos (RELATO DA JUVENTUDE, 2017).

Bom, eu ainda sou muito insegura em relação ao meu futuro, porque quero realizar um monte de coisas ainda, tenho sonhos grandes e que as vezes acho que tenho que sair daqui do assentamento para realiza-los. Mas penso também que eu gosto daqui, dos meus amigos, da minha família, da minha escola, do sítio em si [...], aqui a vida

é tranquila, mas a gente luta muito para viver, vivemos bem, mas de forma modesta [...]; as maiores dificuldades tem haver com a falta de trabalho e renda para nós, porque muitas vezes a renda do sítio não é suficiente e aí não temos muitas oportunidades né [...]; apesar disso tudo eu ainda penso que o sítio é o melhor lugar para se viver, a vida aqui é difícil, mas é boa, porque quase tudo que nós precisamos nos produzimos em nossos lotes [...]; então eu posso até ir em busca dos meus sonhos, mas eu vou acabar voltando pra cá, pro meu lugar [...] (RELATO DA JUVENTUDE, 2016).

Percebe-se nos relatos o apego a terra, a família, aos amigos, o que faz com que eles gostem e queiram permanecer no campo; porém a falta de incentivos, que se dá não só em relação ao apoio na produção e comercialização, mas também em relação a educação, saúde, equipamentos, espaços de lazer, entre outros, influenciam na difícil decisão da juventude camponesa permanecer ou não no campo.

Contudo, a maioria dos(as) jovens, estudantes do Ensino Médio, manifestaram o desejo de continuar vivendo no meio rural. Para tanto, reivindicam e lutam por políticas públicas que realmente os insiram no processo produtivo, que possibilitem a eles ter condições de permanecer no campo com lazer, cultura, educação, saúde, trabalho e renda; que os possibilitem ajudar a família na manutenção da terra de vida e trabalho.

Diante desses dados e de tudo que foi exposto até aqui, ressalta-se que a juventude rural é uma categoria socialmente produzida; “marcada pela diversidade e pela dinâmica, transformando-se na medida das mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. [...] são sujeitos que experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem” (DAYRELL, 2012, p. 65).

Portanto, é necessário encará-los como sujeito sociocultural e detentor de direitos; é preciso elaborar e implementar políticas públicas que leve em conta seus direitos e suas reivindicações; que garantam a eles o acesso a bens materiais, sociais, econômicos e culturais que lhes possibilitem descobrir suas potencialidades e construir seu projeto de vida. É preciso reconhecê-los(os) como sujeito social, político, econômico e cultural, fortalecendo seu protagonismo, garantindo sua autonomia e emancipação, criando condições necessárias para sua manutenção e permanência no campo, ou seja, no território dos assentamentos rurais.

## **Considerações Finais**

Neste estudo, foi possível perceber que são vários os elementos que influenciam nos projetos de vida e dificultam a permanência da juventude no campo, entre eles podemos citar



a questão da educação, do trabalho, da renda, da cultura e do lazer; situação que coloca em risco o futuro dos assentamentos rurais e da agricultura familiar camponesa, pois a juventude é extremamente importante para o processo de transformação social do campo.

Assim sendo, constatamos que, apesar das dificuldades vivenciadas no dia a dia dos assentamentos rurais relacionadas a trabalho, educação, renda, saúde, formação profissional, cultura, atividades de lazer e esporte, acesso a terra e crédito, entre outros, a maioria dos(as) jovens identificam-se com a vida no campo, manifestando interesse e vontade de continuar vivendo e trabalhando nos lotes com os pais.

Eles se constituem como um grupo social que tem como meta seu crescimento pessoal e profissional, portanto, “muitos jovens preferem continuar morando na localidade rural, mas sem abrir mão do acesso à educação e a novos campos de conhecimento como a informática [...], que permita abrir as janelas do mundo rural para um universo desconhecido e ilimitado” (CARNEIRO, 2007, p. 63). Pois, para eles, o conhecimento adquirido servirá para promover mudanças que venham a contribuir com o desenvolvimento do campo e, conseqüentemente, com a qualidade de vida.

Pode-se afirmar, portanto, que a juventude, no contexto do processo de Reforma Agrária, tem se apresentado no país como um novo ator social, reafirmando sua identidade enquanto trabalhador rural e suas noções de pertencimento construídas no processo de luta pela terra e por seus direitos. Deste modo, na atualidade, necessitam apenas de um ambiente favorável à constituição de sua cidadania e de melhores condições de vida para que consiga permanecer no campo, contribuindo para o processo de recriação camponesa.

Portanto, urge a necessidade das entidades governamentais criar mecanismos potencializadores de desenvolvimento sustentável no campo, que possibilitem melhorias nas condições de vida e trabalho dos camponeses e, conseqüentemente, a manutenção e permanência da juventude no campo.

Por fim, espera-se que ao final deste pesquisa possamos contribuir para a visibilidade e problematização do tema juventude camponesa, de modo a pensarmos em alternativas para a manutenção e permanência dos jovens no campo.

## **Agradecimentos**

A FAPEMAT, por ter possibilitado e financiado esta pesquisa.

### Referencias Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo (Coord.) **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ABRAMO, H; BRANCO, P (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALMEIDA, Rosemeire Ap. **(Re)criação do Campesinato, Identidade e Distinção: a luta pela terra e o *habitus* de classe**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Mônica C. (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CARNEIRO, Maria J. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 243-261.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

CASTRO, Elisa G; CARNEIRO, Maria J. (Orgs.). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. IN: DAYRELL, Juarez (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2012, p. 136 – 161.

KOLLING, Edgar J; CERIOLI, Paulo R; CALDART, Roseli S. **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília-DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2002.

MARCONI M. A.; LAKATOS E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, E. O.; MOREIRA, E.R.F. **Permanências e migrações de jovens em áreas de Assentamento do estado da Paraíba.** Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010.

SILVA, T. **Territórios de Esperança: o processo de recriação camponesa em Cáceres-MT.** Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2014.

SILVESTRO, M. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: Epagri; Brasília, DF: Nead/MDA, 2001.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WANDERLEY, M.N. B. **Juventude rural: Vida no campo e projetos para o futuro.** Relatório Técnico CNPq, mimeo, 2006.

WOORTMAN, K. **Migração, família e campesinato.** Revista Brasileira de Estudos Populacionais, 1, 35- 53, 1990.